



EMPREENDEDORISMO E EAD: ENSAIO SOBRE POSSÍVEIS ASPECTOS PARA UMA PROPOSTA DE CAPACITAÇÃO DE EMPREENDEDORES

Haroldo Yutaka Misunaga (UEM)

Anderson Katsumi Miyatake (UEM)

Marcelo Filippin (UEM)

Álvaro José Periotto (UEM)

RESUMO

No atual ambiente econômico, social e tecnológico, onde as grandes certezas são caracterizadas pela mudança e a rapidez com que ela acontece, cria-se uma demanda para que a profissionalização de pequenas e médias empresas se torne uma constante, principalmente através do uso da tecnologia (GALÃO et al., 2008). Diante disso, faz-se necessário que o empreendedor esteja preparado e capacitado para lidar com diversos fatores, tendo principalmente conhecimento das práticas de gestão necessárias e domínio sobre assuntos relacionados com finanças, vendas, produção além de estratégias voltadas para os mais variados tipos de cenários (PEREIRA; SOUSA, 2009). A capacitação por meio de cursos específicos destinados aos empreendedores, conforme Pereira e Sousa (2009), é considerada de grande auxílio para quem deseja abrir ou possui uma micro ou pequena empresa. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar um ensaio teórico com intuito de delinear aspectos a serem considerados para uma proposta de desenvolvimento de um projeto de capacitação de empreendedores com uso da metodologia de EaD (educação a distância) aliada aos recursos da tecnologia da informação disponíveis atualmente. Este trabalho se caracteriza como um ensaio teórico realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Por fim, considera-se que a EaD possui um grande potencial ainda pouco explorado no fomento do empreendedorismo e pode ser apontada como alternativa de capacitação dos empreendedores face às dificuldades de acesso que estes possuem ao ensino regular ou a cursos de capacitação.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação a distância. Tecnologia da Informação.

1 INTRODUÇÃO

Mudanças significativas permeiam o atual ambiente econômico, social e tecnológico no qual pessoas e organizações estão inseridas. Tais mudanças se caracterizam pelas novas formas de organizar as relações de mercado entre o produtor e o consumidor, a melhoria da qualidade de vida da população e as novas configurações do trabalho. Matos et al. (2010) comentam que a mudança na natureza do emprego se processa em três dimensões: (1) incremento do papel das atividades consideradas autônomas e dos empreendimentos caracterizados como pequenos quando se compara com o emprego assalariado em empresas



de grande porte; (2) maior participação da população feminina na população considerada economicamente ativa e (3) tendência de migração do setor industrial para o setor de serviços. Soma-se a isso os avanços no campo da tecnologia principalmente através do crescimento exponencial da internet e a popularização do seu uso.

Para Carvalho Neto e Takaoka (2009) houve a popularização da *web* devido à criação de navegadores com interface gráfica que permitem fácil acesso a dados como textos, imagens e sons sendo aceito pelo público em geral principalmente pela facilidade de uso. Tal fato, segundo os autores, fez com que a Internet se popularizasse e estendesse seu alcance ao público em geral. Corroborando esta ideia, Bernardo-Rocha e Arata (2003) afirmam que a internet diminuiu consideravelmente os espaços e tem aproximado cada vez mais pessoas em todo o mundo, gerando oportunidades como o treinamento e a qualificação de pessoal. Em países como o Brasil, salienta Belloni (2003), a temática sobre qualificação se coloca em todos os níveis: não será necessário apenas oferecer à força de trabalho a possibilidade de uma formação contínua através de atualização ou retreinamento exigidos pelo contexto atual de mudanças econômicas e tecnológicas, mas também possibilitar de forma imprescindível a elevação do patamar da educação básica dos trabalhadores.

Nesse cenário globalizado, onde as grandes certezas são caracterizadas pela mudança e a rapidez com que ela acontece, cria-se uma demanda para que a profissionalização de pequenas e médias empresas se torne uma constante através do uso da tecnologia (GALÃO et al, 2008). Além do que, o assunto 'empreendedorismo', de acordo com Werner e Schlemm (2005) está em voga. Estes autores consideram o empreendedorismo como sendo a força propulsora de invenções e inovações cuja existência sempre houve e que impulsiona o desenvolvimento de povos e regiões. Drucker (1992) define o empreendedor como sendo aquele que pratica a inovação de maneira sistematizada, ou seja, busca criar oportunidades com base em fontes de inovação. O papel exercido pelo empreendedor, como agente de mudança se apresenta como fator que se sobressai no atual contexto econômico e social.

De acordo com Rezende e Sales (2010), os empreendedores buscam muitas informações antes de tomar qualquer decisão. Isso se deve ao fato de, conforme os autores, os empreendedores buscarem constantemente dados sobre suas ações que indiquem se estas foram boas ou suficientes ou se devem ser melhoradas. Diante disso, faz-se necessário que o empreendedor esteja preparado e capacitado para lidar com diversos fatores, tendo principalmente conhecimento das práticas de gestão necessárias e domínio sobre assuntos relacionados com finanças, vendas, produção além de estratégias voltadas para os mais variados tipos de cenários (PEREIRA; SOUSA, 2009).

A capacitação por meio de cursos específicos destinados aos empreendedores, conforme Pereira e Sousa (2009), é considerada de grande auxílio para quem deseja abrir ou possui uma micro ou pequena empresa uma vez que se utilizam de metodologia voltada para aspectos práticos referentes à realidade do mercado e das empresas. No entanto, Rezende e Sales (2010) salientam que o atual sistema educacional se encontra fundamentado no modelo industrial fragmentado cuja realidade não reflete o cotidiano atual que necessita de uma formação sistêmica, com capacidade de flexibilização para responder à complexidade dos desafios. Assim, Ferreira e Bromerchenkel (2001) destacam que as novas tecnologias têm papel de crescente importância no processo de aprendizagem principalmente aquelas que possibilitem a educação a distância (EaD).

O processo sistemático e contínuo que envolve a capacitação deve resultar, conforme Oliveira e Cazarini (2010), em pessoas com habilidades, experiências e competências adequadas para desempenhar as tarefas corretas no local e momento oportuno. Assim, a EaD deve contribuir, na visão destes autores, com métodos e técnicas que permitam um correto planejamento em direção à tomada de decisão.



Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar um ensaio teórico com intuito de delinear aspectos possíveis de serem considerados para uma proposta de desenvolvimento de um projeto de capacitação de empreendedores com uso da metodologia de EaD aliada aos recursos da tecnologia da informação disponíveis atualmente. A escolha desta temática se deu pelo fato de haver a necessidade eminente por capacitação e qualificação dos empreendedores que, muitas vezes, por falta de oportunidade, não conseguem frequentar os bancos escolares para buscar a capacitação necessária para aplicação dos conteúdos aprendidos no cotidiano da gestão do seu empreendimento ou na implementação de um projeto para aproveitamento de uma oportunidade vislumbrada. Além disso, contribuir para o desenvolvimento das pesquisas voltadas para o empreendedorismo uma vez que, conforme Ramos et al. (2005, p. 286) “o empreendedorismo, como campo de conhecimento das ciências sociais, ainda está em fase de construção de seus paradigmas, que ajudariam a organizar o processo de pesquisa e desenvolvimento desta área”.

O presente trabalho está estruturado da seguinte maneira: revisão da literatura envolvendo a temática sobre empreendedorismo e a capacitação do empreendedor, EaD e desenvolvimento de ambientes virtuais, metodologia de pesquisa, a apresentação de aspectos possíveis de serem considerados para o delineamento do projeto de capacitação de empreendedores com uso da metodologia de EaD e considerações finais sobre a realização da pesquisa.

2 EMPREENDEDORISMO E A CAPACITAÇÃO DO EMPREENDEDOR

O empreendedorismo é considerado uma gama de atividades executadas por indivíduos específicos envolvendo ações como a identificação de oportunidades e também atividades relacionadas com a exploração ou com o desenvolvimento real dessa oportunidade (BARON; SHANE, 2007). Observando que existe uma notável confusão no que diz respeito à definição de empreendedorismo, Filion (1999) considera duas correntes de pensamento que tratam o conceito de empreendedorismo de forma dicotômica: associando o conceito à inovação destacam-se os economistas enquanto que os comportamentalistas concentram-se nos aspectos criativo e intuitivo.

Werner e Schlemm (2005) definem o empreendedorismo como sendo a força impulsionadora de inovações e invenções cuja existência sempre houve e contribuiu para o desenvolvimento de povos e regiões. Nesse sentido, Julien (2010) salienta que qualquer criação ou desenvolvimento de empresa irá impactar não apenas sobre a mesma, mas em todo o mercado local e possivelmente nacional e internacional. O autor destaca que o empreendedorismo cria, portanto, uma diferente estrutura de sustentação entre os diversos atores socioeconômicos do território.

Associando o empreendedorismo ao desenvolvimento da economia, Schumpeter (1983) destaca como as ações relacionadas com a inovação podem resultar em descontinuidades cíclicas na economia. Em relação a este aspecto, Gartner (1990) afirma que o empreendedorismo está relacionado com o comportamento que leva ao surgimento de uma nova empresa. Ramos et al. (2005) complementam dizendo que alguns autores associam o fenômeno do empreendedorismo a uma visão de preparação e realização da abertura de novas empresas e, em contrapartida, outros autores definem o empreendedorismo como processo muito mais abrangente, que vai além da simples abertura de um negócio, contemplando também o desenvolvimento de sua forma de atuação, vislumbrar novas oportunidades e possíveis formas de relacionamentos até a escolha e preparação de sucessores. Baron e Shane (2007) corroboram esta ideia ao considerarem o empreendedorismo como um processo ao invés de um evento único.



Para se compreender o que realmente se passa no empreendedorismo, Julien (2010) afirma que é necessário considerar não apenas os empreendedores e sua organização mas também o meio no qual estes se desenvolvem fornecendo-lhes as informações para apoiar ou delimitar suas ações. Ainda de acordo com este autor, o empreendedor é o ponto de partida ou a chave da criação da empresa em relação à sua transformação pela inovação. Para Santos et al. (2007), o empreendedor se apresenta como agente capaz de interpretar e influenciar seu mundo não sendo possível entender o empreendedor sem levar em consideração suas ações sobre oportunidades. Classificando os empreendedores como “seres paradoxais” (JULIEN, 2010, p. 109), Julien (2010) diz que estes indivíduos buscam a independência esperando ter controle do próprio destino. O autor considera o empreendedor como ponto de partida ou como a chave de criação da empresa.

O empreendedor, na visão de Rezende e Sales (2010) é um ser social, que resulta do ambiente no qual está inserido. Para estes autores, as pessoas que vivem em um meio onde o empreendedorismo é considerado como uma forma positiva terão propensão a se tornar empreendedores. De acordo com Santos et al. (2007) diversas habilidades são exigidas dos indivíduos que empreendem: capacidade de planejar, formação de equipes, liderança, capacidade de negociar, aptidão para resolução de problemas, dentre outras. Cria-se assim, a necessidade de novas habilidades humanas e novas competências que passam a ser consideradas importantes para o desenvolvimento da sociedade (REZENDE; SALES, 2010).

Entretanto, Siqueira e Guimarães (2007) criticam a ideologia tradicional do empreendedorismo baseada em uma imagem idealizada a tal ponto de ser romântica e mitificada de um indivíduo que dispõe de habilidades e qualidades extraordinárias e exercendo papel de destaque no crescimento econômico. Para estas autoras, isso não impediu o estímulo ao surgimento de programas de formação e capacitação de empreendedores voltado ao desenvolvimento de habilidades e competências específicas. Dentre elas, destacam as autoras: (1) disposição para inovação, (2) foco nos resultados, (3) percepção de ameaças com vistas a assumir riscos controlados, (4) aproveitamento e possibilidade de criação de oportunidades, (5) sentido de responsabilidade, (6) ênfase no “fazer” e na solução de problemas, (7) competência para organizar pessoas e atividades.

3 A EAD: HISTÓRICO E CONCEITOS

Estreitamente associado à evolução das tecnologias de produção, Nunes (2001) afirma que o surgimento da EaD pode ser explicado à partir de três gerações de modelos distintos. Refletindo a base do sistema produtivo em diferentes épocas, Kenski (2006) destaca que as tecnologias afetam diretamente a economia, a política e a divisão social do trabalho. Acabam por transformar a maneira como o homem pensa, sente e age além de mudar também a maneira como esse se comunica e adquire conhecimento (KENSKI, 2006).

Assim, a primeira geração da EaD é descrita por Nunes (2001) como sendo o ensino por correspondência no qual existia um baixo nível de interação entre o aluno e o professor e havia uma grande defasagem de tempo na comunicação devido à postagem via correio do material do professor para o aluno e vice-versa (denominada comunicação assíncrona, já que é separada no tempo). O autor afirma que nesta fase há o uso exclusivo do recurso textual onde o texto se mostra como ferramenta para a representação de conteúdos que serão encaminhados para os alunos por iniciativa (quase sempre) do professor.

Na segunda geração da EaD, Nunes (2001) diz que esta caracteriza-se pela aplicação de recursos de mídia, ou seja, a associação do texto com recursos de áudio e vídeo além de forma muito rudimentar de computador. A comunicação, salienta o autor, se dá de forma bidirecionada em que acontece essencialmente entre o estudante e uma terceira pessoa representada pelo tutor, em substituição ou complementação ao professor responsável apenas



pelos conteúdos relacionados com os estudos. Além disso, torna-se mais frequente devido ao uso do telefone e é denominada por comunicação síncrona porque acontece a interação em tempo real.

Promovendo uma distribuição igualitária da comunicação, Nunes (2001) destaca que na terceira geração da EaD a interação direta entre o professor e o estudante e agora também com os demais estudantes (individualmente ou em grupo) é a característica principal da comunicação bidirecional. Os recursos tecnológicos evoluem para a representação de conteúdos através do uso de funcionalidades multimídia com suporte eletrônico através do uso extensivo do computador e da internet (NUNES, 2001). Complementando esta ideia, Kenski (2006) afirma que, as novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, vão além de simples suportes do processo dinâmico e veloz de interação e comunicação. Tais tecnologias, de acordo com a autora, interferem no modo de pensar, sentir, agir, relacionar-se socialmente e adquirir conhecimentos.

A história da EaD, iniciando-se com o ensino por correspondência esteve, de certa maneira, sempre ligada à formação profissional no que diz respeito à capacitação de pessoas para o exercício de atividades laborais ou a aquisição de determinadas habilidades motivadas por questões relacionadas com o mercado (NUNES, 2001). Assim, as escolas por correspondência datam de meados do século XVIII, conforme comenta Nunes (2001). Para este autor, as escolas por correspondência absorvem completamente seu caráter de formação profissional. O autor comenta que no Brasil, tais escolas são representadas pelo Instituto Rádio-Técnico Monitor (cuja fundação se deu em 1939) e o Instituto Universal Brasileiro (fundado em 1941).

O conceito mais utilizado para educação a distância, conforme Bernardo-Rocha e Arata (2003) está relacionado com a transmissão de conhecimentos ou informações em que o professor e o aluno estão separados no tempo e espaço. Para estas autoras, tal modalidade de ensino pode ser classificada em duas categorias: unidirecional, quando apenas o aluno recebe o conhecimento através de livros, vídeo ou conteúdo multimídia; ou bidirecional, no qual existe interação entre os participantes do processo (aluno e professor) através de troca de experiências e debates com o uso de meios como telefone, internet e correspondências.

Moore (1972) (apud SCHRÖEDER, KLERING (2007)) destacam que a EaD compreende duas dimensões: a primeira é caracterizada pela distância transacional (considerada mais abrangente que a distância geográfica) na qual há a necessidade de adoção de práticas e procedimentos distintos do habitual tanto para o ensino quanto para o aprendizado; e a segunda, que leva em consideração a autonomia do aluno - a EaD deve promover meios para que o aluno possua maior autonomia durante o processo de aprendizagem.

Moore (apud BELLONI, 2003) explicita alguns fatores considerados essenciais para uma definição de EaD dentre os quais podem se destacar a separação geográfica entre o professor e o aluno, uso de meios de comunicação disponíveis tecnicamente, segmentação do ensino em preparação e desempenho em sala de aula - ambas realizadas em separado dos estudantes além de maior possibilidade de segmentação do ensino e a concessão de maior escolha do aluno.

Belloni (2003) diz que atualmente existem diversas definições sobre a EaD e que estas são, de modo geral, descritivas e a definem pelo que ela não é, ou seja, parte da perspectiva do ensino convencional da sala de aula. Para esta autora, o parâmetro convergente de todas as definições existentes atualmente sobre a EaD está relacionado com o espaço, ou seja, a separação geográfica entre o aluno e o professor. Entretanto, conforme a autora, as definições esquecem de considerar o fator tempo, de maneira que a separação no tempo exige comunicação de forma diferida, mais do que a separação espacial. A autora salienta que é necessário ir além das definições meramente descritivas buscando explicar as particularidades



da EaD a partir de um contexto socioeconômico mais amplo relacionados principalmente com o ensino convencional e o mercado de trabalho.

Em uma análise de um conjunto de definição de EaD, Aretio (2001) observa que os conceitos mais repetidos como traços diferenciadores são: (1) a separação professor-aluno, (2) a utilização de meios e recursos tecnológicos de forma sistemática, (3) a aprendizagem individual, (4) o apoio de uma organização que exerce papel tutorial e (4) a comunicação bidirecional.

Galão et al. (2008) afirmam que atualmente, como o amplo desenvolvimento tecnológico, em especial no campo das comunicações, é intenso e evolui com rapidez, são inúmeras as oportunidades educacionais que surgem. Para estes autores, a internet tornou possível a transmissão de som e imagem em tempo real e além disso, tornar-se-á mais fácil realizar ações integradoras entre os conteúdos da televisão e da *web*. Devido ao alargamento da banda de transmissão de dados na internet (da mesma maneira que ocorre com a TV a cabo), muitas oportunidades de cursos à distância com a transmissão de som e imagem além da interação ao vivo serão possíveis (GALÃO et al, 2008).

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho se caracteriza como um ensaio teórico realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Considerada como parte da investigação científica, a pesquisa bibliográfica se mostra também como importante instrumento de coleta de dados. Para Marconi e Lakatos (2010), a finalidade da pesquisa bibliográfica é a de proporcionar ao pesquisador contato direto com tudo aquilo que já foi documentado (escrito, dito ou filmado) sobre uma determinada temática ou assunto. Gil (2010) destaca que a pesquisa bibliográfica é útil para fornecer ao trabalho uma fundamentação teórica além de possibilitar a identificação do estágio em que se encontra o conhecimento referente ao tema a ser estudado.

A principal vantagem proporcionada pela pesquisa bibliográfica, reside no fato de, conforme Gil (2010), proporcionar ao pesquisador a cobertura e o contato com uma ampla gama de fenômenos dos quais muitas vezes não seria possível pesquisá-los diretamente. Além disso, tal modalidade de pesquisa se mostra bastante eficiente quando se necessita de dados que encontram-se dispersos no espaço bem como levantamento de informações históricas.

Foram pesquisados artigos publicados em anais de eventos tais como EGEPE (Encontro de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas) e EnADI (Encontro de Administração da Informação) e periódicos na área de Administração (RAE - Revista de Administração de Empresas, dentre outros) bem como livros que tratassem da temática abordada pelo trabalho. Entretanto, constatou-se que existem poucas publicações que tratem sobre a capacitação do empreendedor e também o uso dos recursos da tecnologia da informação para esta capacitação.

5 PROJETO DE CAPACITAÇÃO DE EMPREENDEDORES COM USO DA EAD

O desenrolar de um projeto de EaD envolve uma variedade de eventos cuja complexidade é grande, além de estar inserido em um contexto de incerteza e risco onde tais fatores levam à necessidade de se ter consciência de que a elaboração e implementação de tal projeto não será simples (OLIVEIRA; CAZARINI, 2010).

Para Belloni (2003), o princípio fundamental e orientador de ações de EaD está relacionado com o processo de ensino-aprendizagem focado no estudante. Isso significa, de acordo com a autora, não apenas conhecer a fundo as características socioculturais, os conhecimentos e experiências, as demandas e expectativas do estudante mas a maneira como



integrá-las realmente na formulação de metodologias e materiais de ensino com vistas a criar condições de auto-aprendizado.

Trindade (1992, apud BELLONI, 2003) considera como princípios da EaD a aprendizagem de forma autodirigida, a disponibilidade de meios e materiais para a transmissão de conhecimento, a programação e estabelecimento da aprendizagem e a possibilidade de interação entre estudantes e os agentes responsáveis pelo ensino. Além disso, Belloni (2003) destaca como um importante componente para o aprendizado na metodologia EaD a possibilidade de modularização dos cursos. Tal aspecto, conforme a autora, possibilita que os conteúdos sejam apresentados no formato de módulos autônomos cuja dimensão é menor sendo organizados não através de um currículo de curso mas de forma fragmentada em que é permitido ao estudante a escolha dentre diversas possibilidades. Trindade (1992 apud BELLONI, 2003) utiliza-se da metáfora do “salame” para explicar a modularização. De acordo com o autor, há a possibilidade de “fatiar” um determinado curso de forma que o resultado será uma quantidade significativa de partes ou módulos, sendo possibilitado a cada uma destas partes ou módulos o direito de existir em separado, sem que haja perda da relevância científica nem a utilidade didática.

Assim, parte-se para duas possibilidades de capacitação para o empreendedor. A primeira, para aquele que ainda não possui um negócio estabelecido ou possui um negócio na informalidade. De acordo com Periotto et al. (2010), percebe-se que as pessoas com ideias empreendedoras, que possuem sonhos de ser donas do próprio negócio e àquelas que possuem negócio mas na informalidade, buscam através da *web* subsídios que possam servir de norteadores para consolidação desses negócios. Isso ocorre, Periotto et al (2010), devido ao fato de que tais empreendedores não puderam se valer do apoio dos serviços oferecidos por entidades que dão apoio sistemático a esse tipo de iniciativa. Dessa forma, propõe-se o desenvolvimento de cursos modulares voltados principalmente para a elaboração de plano de negócios.

Para Greatti e Previdelli (2007), o plano de negócios representa uma linguagem cuja função é descrever de maneira completa o que é ou o que pretende ser uma empresa. Os autores destacam ainda que a função de um plano de negócios é evidenciar o potencial do futuro empreendimento bem como mostrar oportunidades e ameaças com os quais os empreendedores poderão se deparar. Pode, além disso, servir de ferramenta de validação (ou não) da ideia do empreendedor bem como destacar que os riscos se mostram incontroláveis, a inviabilidade econômica do negócio ou ainda, que a conjuntura atual não é propícia para a implementação do empreendimento (GREATTI; PREVIDELLI, 2007).

Já em relação à regularização da situação de pequenos empreendedores que atuam no mercado informal, Santos e Freitas (2010) afirmam que o governo federal, ciente da situação de informalidade de muitos empreendimentos que muitas vezes trazem prejuízos para o empreendedor e para a localidade na qual o empreendimento atua, aprovou a lei que cria a figura do microempreendedor individual. Sendo assim, a oferta de cursos modulares voltados para o esclarecimento e auxílio de empreendedores em situação de informalidade, mas com vontade de ingressar no mercado formal, poderiam ser ofertados com o auxílio de sistemas baseados na EaD.

A segunda possibilidade de capacitação enfoca o empreendedor já estabelecido, seja nas fases iniciais do negócio ou em etapas mais maduras e com certa estabilidade e progresso rumo à consolidação do empreendimento. Há a exigência de habilidades e competências dos indivíduos que empreendem tais como planejar, formar e liderar equipes, negociar, controlar a movimentação financeira do negócio, divulgar o negócio, captar clientes, relacionar-se com os fornecedores, etc. Assim, oferecer cursos no formato modular voltados para capacitação nas áreas financeira, de mercado, administração e produção. Segundo Castro e Machado (2007), com base em pesquisa realizada com empresas de base tecnológica egressas de



sistemas de incubadoras de empresas, a deficiência em relação a aspectos gerenciais e gestão dos empreendimentos são algumas das principais causas para a mortalidade de empresas, dentre as quais apresentam-se a falta de capacidade estrutural de colocar o produto no mercado, a não existência de estudos sobre rentabilidade e controles financeiros, foco excessivo em aspectos técnicos relacionados com a fabricação do produto em detrimento a aspectos gerenciais, dentre outros.

Outro conteúdo que poderia ser abordado em ambas as possibilidades, de acordo com Ramos et al. (2005) trata-se da caracterização do próprio fenômeno de empreender. Para alguns autores, o fenômeno de empreender está associado a uma visão de preparação e implementação da abertura de novos empreendimentos enquanto para outros empreender se caracteriza como algo mais amplo que abrange desde a abertura do negócio, a evolução da sua atuação, a percepção de oportunidades e relacionamentos até a escolha e preparação de sucessores (RAMOS et al, 2005).

O mapeamento das competências e identificação das necessidades de capacitação dos empreendedores seria realizada através de prefeituras que atuariam no projeto como parceiras além de desempenharem o papel de polo de apoio presencial. De acordo com Cabeda et al. (2010), o polo possui papel de grande importância para o sistema de educação a distância uma vez que desempenha a função de ponto de referência para o estudante além do atendimento e disponibilização de estrutura para que o aluno possa atuar no curso. As prefeituras podem realizar reuniões com a comunidade para incentivar e atrair interessados para os cursos a serem ofertados. Além disso, disponibilizar espaço na prefeitura onde os empreendedores interessados possam buscar mais informações bem como realizar inscrição para o curso desejado. A iniciativa consiste em parceria entre poder público (prefeituras) e instituições de ensino (público/privadas) onde as primeiras ofereceriam estrutura necessária para a realização dos cursos de capacitação (salas de aula e equipamentos) e as segundas ofereceriam corpo docente e estrutura de tutoria necessários para que o curso de capacitação aconteça além dos materiais didáticos.

Em se tratando do corpo docente e da estrutura de tutoria, haveria um trabalho em conjunto para que estes apresentassem os conteúdos dos cursos para os empreendedores estudantes. A responsabilidade dos docentes seria a de elaborar material instrucional e de apoio relacionado com o conteúdo do curso a ser ministrado. Além disso, ministrar aulas ao vivo e gravadas referente aos conteúdos, sendo disponibilizadas via internet (acesso síncrono em dias e horários determinados no calendário do curso) e, também para *download* (acesso assíncrono para aqueles estudantes que estivessem impossibilitados de assisti-la durante a transmissão ao vivo). Ao estudante seria disponibilizada a opção de assistir a aula no polo de apoio presencial mais próximo da sua localidade ou através da internet, desde que esse disponha de conexão de internet banda larga de boa qualidade. A interatividade durante a vídeo-aula ao vivo entre o professor e os alunos seria garantida, de acordo com GALÃO et al. (2008) através de *chat* com a mediação dos tutores no qual as dúvidas e comentários em relação aos conteúdos apresentados pelo professor seriam enviados em tempo real para esclarecimento e comentários pelo professor. Também é papel do professor, de acordo com estes autores, o incentivo aos alunos para que esses descubram novos significados através da leitura, escrita e da comunicação.

Bernardo-Rocha e Arata (2003) recomendam que o tutor participante do programa seja um técnico residente na mesma região da turma de alunos, de modo a proporcionar o encontro de todos de maneira mais fácil nos encontros das aulas. Além disso, tal escolha diminuiria, segundo as autoras, os custos com deslocamento de docentes.

Considerando as duas vertentes para a capacitação do empreendedor, faz-se necessário direcionar os conteúdos dos cursos voltados para atendimento de cada uma delas. Com isso, o desenvolvimento de um ambiente virtual onde os cursos seriam ministrados torna-se



primordial. Além do que, um curso na modalidade EaD exige uma variedade de ferramentas que promovam a interação e a cooperação dos participantes tais como e-mail, chat, fórum (listas de discussão), e também dispositivos para administrar e controlar todo o sistema para que se possa garantir uma avaliação correta do estudante e a qualidade dos cursos oferecidos (GOMES, 2007).

Os sistemas *web*, de acordo com Carvalho Neto e Takaoka (2009), representam aplicações que são desenvolvidas para atuarem como forma de comunicação através de redes de internet, sendo acessadas por meio de navegador *web* e criados com o intuito de atenderem os objetivos organizacionais de empresas e instituições. Entretanto, os autores comentam que em relação a instituições de ensino e ao processo de aprendizagem, constata-se o surgimento de uma modalidade de sistemas *web*, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) que tem como objetivo o auxílio na troca de paradigma entre o ensino tradicionalmente centralizado para uma modalidade de ensino voltada para a colaboração de forma descentralizada.

Sendo assim, entende-se o ambiente virtual como um espaço onde ocorre a construção de conhecimento através do desenvolvimento de atividades educativas, com a mediação pelo uso de tecnologias da informação e comunicação, valorizando a interação síncrona e assíncrona entre professores, tutores e estudantes (GALÃO, et al, 2008).

Um sistema do tipo AVA, “permite a criação de uma comunidade virtual voltada para o processo de ensino” (CARVALHO NETO; TAKAOKA, 2009, p. 4). Sobre o significado de um ambiente virtual, Bernardo-Rocha e Arata (2003) dizem que a sociedade é formada por pequenas comunidades (escolar, familiar, profissional, social) e que tal sentimento é transferido também para o universo on-line onde inevitavelmente se cria uma comunidade virtual. Para as autoras, este sentimento de comunidade virtual faz com que haja estímulo para estudantes e professores progredirem em seus estudos em cursos a distância uma vez que reduz a sensação de solidão que alguns indivíduos sentem ao estarem separados dos demais participantes cuja interação acontece somente através do ambiente virtual.

De acordo com Carvalho Neto e Takaoka (2009), existem no mercado grande variedade de modelos de ambientes virtuais. Os autores destacam que, as funcionalidades oferecidas pelos sistemas variam entre os AVAs e esta seria a principal razão para a grande quantidade de sistemas disponíveis no mercado uma vez que os AVAs possuem pontos fortes e fracos e assim acabam por não atenderem de maneira satisfatória as exigências das instituições de ensino e dos cursos a distância oferecidos por estas.

Para este projeto, seria desenvolvido um AVA com base na plataforma Moodle. O Moodle (*Modular Object Oriented Dynamic of Learning Environment*) é resultado de uma tese de doutorado na Austrália sendo rapidamente difundido e utilizado por instituições de ensino de vários países. A plataforma Moodle consiste em um ambiente virtual que funciona através da internet e é baseado em *software* de código livre (CARVALHO NETO; TAKAOKA, 2009). Araújo (2007) define software livre como sendo aquele que permite a quem o adquire a flexibilidade de modificar o software e redistribuí-lo. Oliveira et al. (2007) afirmam que o Moodle consiste em um software cujo objetivo é proporcionar uma rede de comunicação para favorecer a comunicação e a interação entre os polos de apoio presencial, a sede da universidade e os próprios alunos.

Desta maneira, a capacitação do empreendedor aconteceria principalmente através do computador por intermédio de recursos da internet, ou seja, o empreendedor receberá o conteúdo do curso acessando o AVA via internet. Além disso, sempre que encontrar dificuldades, terá à sua disposição a tutoria eletrônica no próprio AVA ou ainda fazer contato com um tutor responsável pelo curso através de e-mail ou telefone. Bernardo-Rocha e Arata (2003) alertam para que ao criar um ambiente virtual para um curso a distância é necessário atentar para o perfil do aluno que participará do curso uma vez que o seu nível de instrução e



desenvoltura com recursos computacionais será fator determinante para um aprendizado produtivo.

Dentre os recursos disponibilizados no AVA para a capacitação dos empreendedores, pode-se destacar a importância do calendário com as datas de início e término do curso, transmissões de aulas ao vivo, encontros presenciais (quando houver) e datas de eventos tais como feiras e congressos voltados para abertura ou consolidação de empreendimentos.

Um importante recurso é o “Mural de Avisos”. Assim como o mural de avisos existentes nas escolas, é através dele que os professores e responsáveis pelo curso se comunicam com o grupo de alunos que realizam o curso. Gomes (2007) diz que o mural é uma ferramenta assíncrona de comunicação e serve de meio de transmissão direta de informações (com ou sem relação com o curso) para todo o grupo participante.

Outro recurso é um repositório de materiais complementares (“material extra”) onde modelos e planos de negócios já realizados possam ser disponibilizados para os empreendedores. Além dos planos de negócios, relatos de empreendedores em forma de texto (estudos de caso) bem como arquivos de vídeo podem ser viabilizados através do repositório. Materiais como *links* para páginas com informações relevantes sobre o curso, *podcasts*, artigos de revistas e jornais, artigos acadêmicos, dentre outros materiais também podem ser disponibilizados. Através do repositório, os materiais didáticos do curso, tais como apostilas, livros, CD-ROM, DVD dentre outros poderão ser disponibilizados para os alunos efetuarem *download* e impressão.

O grupo de discussão (fórum) é outro recurso do AVA de grande importância na construção, discussão e compartilhamento de conhecimento entre os participantes do curso. A participação no grupo de discussão se dá de forma assíncrona onde todos os participantes do curso discutem temas disponibilizados pelos professores ou tutores. É necessário incentivo por parte de professores e tutores para participação dos estudantes nas discussões propostas no fórum. Para Bernardo-Rocha e Arata (2003) os incentivos motivacionais devem acontecer de forma constante durante a realização do curso com o intuito de criar o interesse em aprender mais e melhor. Além disso, professores e tutores devem avaliar se comentários postados pelos estudantes que são condizentes, exprimem a opinião em relação ao tema proposto, apresentam nível de adequado de conhecimento sobre a temática e, se possível, incentivar a exemplificação do que está sendo comentado com algo relacionado ao cotidiano do empreendedor ou da sua realidade local. Gomes (2007) apresenta como vantagem do fórum a possibilidade de leitura dos tópicos postados mesmo depois de encerrado o prazo para participação, sendo possível assim recuperar a qualquer momento o resultado de determinada discussão.

A “sala do café” é o espaço informal do AVA dedicado para estudantes, professores e tutores terem momentos de descontração, discutindo assuntos não diretamente relacionados com o curso, compartilhar expectativas e dificuldades condizentes com o curso, os colegas e professores. A participação na “sala do café” se dá de forma semelhante ao grupo de discussão (fórum).

Atividades e avaliações em formatos de questionários (com questões de múltipla escolha ou discursivas) também compõe o rol de recursos do AVA. Elaboradas pelos professores, são disponibilizadas no AVA em dia e horário pré-determinados e de conhecimento dos estudantes através do calendário do curso. As atividades se fazem necessárias para reforçar o conteúdo ministrado durante as aulas bem como incentivar o estudante a rever o conteúdo estudado. As avaliações se fazem necessárias para medir o grau de aproveitamento do curso e dizer se o estudante está apto (ou não) para receber o certificado de qualificação emitido após a conclusão do curso.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Kenski (2006) afirma que a atual forma de se viver não seria possível sem as tecnologias. Para esta autora, as tecnologias estão integradas ao cotidiano de forma a considerá-los como quase naturais e sem os quais não seria possível viver. Assim, a tecnologia caracteriza-se como o conjunto de ferramentas e técnicas correspondentes aos usos que lhes são atribuídos no decorrer de cada época (KENSKI, 2006).

O desenvolvimento da EaD nas últimas décadas proporcionou a incorporação de procedimentos metodológicos que promoveram o aumento da independência e da criatividade do estudante através do aproveitamento de recursos tecnológicos de comunicação considerados cada vez mais avançados e interativos, afirma Nunes (2001). O autor destaca ainda que a EaD tem demonstrado um grande potencial em adaptar-se aos requisitos sociais e econômicos que acabam por exigir flexibilidade dos processos educacionais com vistas a uma melhor utilização de recursos que são considerados escassos.

Além disso, Ferreira e Bromerchenkel (2001) comentam que a EaD possui grande potencial ainda pouco explorado no fomento do empreendedorismo. É através do empreendedorismo que “são desenvolvidas novas abordagens nas ciências, que a tecnologia avança e proporciona o desenvolvimento de novos produtos e ferramentas” (WERNER; SCHELEMM, 2005, p. 258).

Assim destaca-se a importância de promover meios para capacitar o empreendedor que, em muitas situações, fica impossibilitado de buscar formas de adquirir competências e aprender habilidades para tornar um sonho em um empreendimento concreto ou consolidá-lo no mercado. E a EaD pode ser apontada como alternativa de capacitação dos empreendedores face às dificuldades de acesso ao ensino regular ou a cursos de capacitação. Oferecer, através da EaD acesso a cursos de gerenciamento do empreendimento bem como o contato com o Plano de Negócios faz com que as estatísticas de mortalidade de empresas apontadas por Castro e Machado (2007) deem lugar a iniciativas empreendedoras que refletem o acelerado desenvolvimento econômico e social promovido por micro e pequenas empresas.

Convém salientar o papel de destaque da parceria entre o poder público, na figura das prefeituras municipais, com instituições de ensino no fomento à capacitação dos empreendedores. Silva et al. (2010) destacam dentre os apontamentos feitos pelo GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) para os gestores públicos brasileiros em relação ao incentivo ao empreendedorismo: melhoria das condições dos empreendedores por necessidade, fortalecimento da criatividade como elemento essencial do empreendedorismo, preparar da melhor forma pessoas que estão pensando em se tornar empreendedoras para que possam compreender o mercado em que desejam atuar, orientações a potenciais empreendedores no que se relaciona ao potencial de atividades referentes ao fornecimento de produtos de maior valor agregado a empresas.

Uma das dificuldades para elaboração e implementação de um projeto de EaD diz respeito aos custos. Neste trabalho, os custos para oferecimento de cursos de capacitação de empreendedores não foram calculados. De acordo com Bornia et al. (2008), os custos com a implantação de um projeto de EaD envolvem: o processo de seleção dos alunos, a implantação, manutenção e acompanhamento dos polos de apoio presencial, seleção e capacitação de tutores, produção e reprodução de material didático e, por fim, a contratação e capacitação de docentes. Utilizar modelos existentes para cálculo de tais custos ou mesmo, consultar e analisar planilhas de custos de cursos a distância oferecidos por instituições de ensino podem ser contribuições obtidas através de pesquisas futuras relacionadas com o tema. Além disso, estudar formas de abatimento de tais custos seja através de custeio por parte do poder público (prefeituras) ou se o custo será integralmente repassados aos empreendedores matriculados nos cursos de capacitação. Bornia et al. (2008) indicam como possíveis fontes de



financiamento para projetos de EaD recursos oriundos do Ministério da Educação (MEC) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) além da parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Outra dificuldade diz respeito ao desenvolvimento do AVA. Conforme Gomes (2007), essa dificuldade está relacionada com o dilema de como incorporar aplicativos e plataformas existentes para realização de cursos *on line* ou no desenvolvimento de novos ambientes virtuais. Além do que, Bernardo-Rocha e Arata (2003) alertam que para a criação de um ambiente para desenvolvimento de um curso a distância é necessário atentar-se para o perfil do aluno que participará do curso, qual o seu nível de instrução e o grau de desenvoltura com os recursos computacionais.

Outro aspecto importante a ser considerado diz respeito ao índice de evasão dos cursos à distância. Para Pacheco et al. (2007), a evasão é considerada aspecto de relevância no contexto educacional nacional, particularmente em cursos na modalidade EaD. Para estes autores, é importante mapear e analisar os fatores que agem como determinantes no abandono do curso pelo aluno com intuito de medir o grau de evasão. Igualmente importante, segundo os autores, é entender a evasão dos cursos não somente como um problema relacionado com custos mas como um problema social uma vez que a perda de conhecimentos e habilidades oriundos da evasão são imensuráveis.

Por fim, a EaD se mostra como um importante instrumento capaz de promover a troca, compartilhamento e disseminação do conhecimento e informações com o uso de tecnologias como a internet e o AVA. A educação, não salva a sociedade e também não possui condições de resolver os múltiplos problemas e satisfazer as necessidades variadas desta, mesmo levando em consideração as suas mais variadas modalidades. Entretanto, se associada a outras instâncias sociais, a educação exerce papel de destaque no que diz respeito ao distanciamento da incultura, da acriticidade e na elaboração de um processo civilizatório considerado mais digno e justo para o ser humano (LUCKESI, 2001).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. V. A Economia do Software Livre: Ensaio sobre os Efeitos Econômicos para Ofertantes e Usuários de Bens e Serviços Correlatos. In: I ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO. 1., 2007, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC, Anpad, 2007, 1 CD-ROM.
- ARETIO, L. G. Para uma definição de educação a distância. In: LOBO NETO, F. J. da S. **Educação a distância: referências e trajetórias**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional - ABT, 2001, p. 21-31.
- BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- BELLONI, M. L. **Educação à distância**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- BERNARDO-ROCHA, E. E. R.; ARATA, R. N. *E-learning* – O desenvolvimento do aprendizado eletrônico para treinamento interno: uma proposta para uma instituição de ensino profissionalizante. In: EGEPE – ENCONTRO DE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 3., 2003, Brasília. **Anais...** Brasília, UEM/UEL/UnB, 2003, p. 24-40.
- BORNIA, A. C.; SANTOS, N. J. dos; FALCÃO, E. M.; DUCATI, E. **Custos na educação a distância da UFSC: um estudo referente ao curso de graduação em ciências contábeis**. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/artigos08/49_Custos%20na%20educacao%20a%20distancia%20da%20UFSC_Seget.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2011.



- CABEDA, M.; STAPF, A.; SILVA, A. C. O.; VICARI, S. **Uma nova forma de polo de apoio presencial para EAD: o polo dos sonhos.** Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/2842010101650.pdf>> Acesso em: 17 dez. 2010.
- CARVALHO NETO, S.; TAKAOKA, H. Ambientes Virtuais de Aprendizagem de Código Livre como Apoio ao Ensino Presencial na Área de Ciências Sociais Aplicadas: Um Estudo de Caso em uma Instituição de Ensino Superior In: XXXVIII Encontro da Anpad. 38., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009, pp. 1-16.
- CASTRO, S. C. de; MACHADO, H. V. Empresas de base tecnológicas egressas de incubadoras paranaenses: fatores de mortalidade. In: MACHADO, H. P. V. **Causas de mortalidade de pequenas empresas: coletânea de estudos.** Maringá: Eduem, 2007.
- DRUCKER, P. F. **Administrando para o futuro: os anos 90 e a virada do século.** São Paulo: Pioneira, 1992.
- FERREIRA, A. L.; BROMERCHENKEL, M. N. Ensino vivencial à distância e fomento do empreendedorismo: o caso do Desafio Sebrae. In: II Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 2, 2001, Londrina/PR. **Anais...** Londrina/PR, 2001.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. In: **Revista de Administração**, São Paulo, v.34, n.2, p.5-28, abril / junho 1999.
- GALÃO, F. P.; SCARAMUZZA, B. C.; FRUTOS, F. P. P.; REGIOLI, F. R. O curso superior de tecnologia em Administração de pequenas e médias empresas da Unopar Virtual: relato de experiência. In: V Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 5, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008.
- GARTNER, W. B. What are we talking about when we talk about entrepreneurship? **Journal of Business Venturing**, v. 5, n.1, 1990, p. 15-29.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GOMES, T. de S. L. Desenvolvimento de ambientes virtuais: novos desafios. In: CORRÊA, J. **Educação à distância: orientações metodológicas.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GREATTI, L.; PREVIDELLI, J. de J. O uso do plano de negócios como instrumento de análise comparativa das trajetórias de sucesso e de fracasso empresarial. In: MACHADO, H. P. V. **Causas de mortalidade de pequenas empresas: coletânea de estudos.** Maringá: Eduem, 2007.
- JULIEN, P-A. **Empreendedorismo regional e economia do conhecimento.** São Paulo: Saraiva, 2010.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 3. ed. São Paulo: Papirus, 2006.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.
- LUCKESI, C. C. Democratização da educação: ensino a distância como alternativa. In: LOBO NETO, F. J. da S. **Educação a distância: referências e trajetórias.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional - ABT, 2001, p. 85-96.
- MATOS, F. R. N.; FELL, A. F. de A.; FELL, N. S. P.; ROLIM, G. F. Representações sociais e empreendedorismo: o significado do termo para alunos do curso de administração de empresas. In: VI Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 6, 2010, Recife/PE. **Anais...** Recife/PE, 2010.
- NUNES, I. B. Educação a distância e o mundo do trabalho. In: LOBO NETO, F. J. da S. **Educação a distância: referências e trajetórias.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional - ABT, 2001, p. 85-96.
- OLIVEIRA, J. A. de; LUCENA, L. de M.; TORRES, E. F.; LIMA, C. F. de. O comprometimento sob a perspectiva dos alunos do curso de Administração à distância da



- UFRN. In: I ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO. 1., 2007, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC, Anpad, 2007, 1 CD-ROM.
- OLIVEIRA, S. R. M.; CAZARINI, E. W. Metodologia para Planejamento em EAD Utilizando Estilos de Aprendizagem, Inteligências Múltiplas e Competências Requeridas: Uma Contribuição ao Aperfeiçoamento de Empreendedores. In: VI Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 6, 2010, Recife/PE. **Anais...** Recife/PE, 2010.
- PACHECO, A. S. V.; MELO, P. A. de; DALMAU, M. B. L.; NETO, L. M.; BENETTI, K. C.; VITAL, J. T. Fatores que influenciam na evasão nos cursos de graduação na modalidade a distância. In: I ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO. 1., 2007, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC, Anpad, 2007, 1 CD-ROM.
- PEREIRA, R. C. M.; SOUSA, P. A. Capacitação de empreendedores: uma forma de evitar a mortalidade precoce das micro e pequenas empresas. In: Simpósio de Excelência em gestão e tecnologia. 6, 2009, Rio de Janeiro/RJ. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2009.
- PERIOTTO, A. J.; FREITAS, A. do R.; MUNHOZ, G. de S.; BASAGLIA, M. M. Suporte ao empreendedorismo sustentável: a estruturação de uma solução tecnológica de referência para uma rede de agentes da comunidade acadêmica e de serviços públicos. In: VI Encontro Paranaense de Pesquisa e Extensão em Ciências Sociais Aplicadas. 6., 2010, Campo Mourão/PR. **Anais...** Campo Mourão/PR, FECILCAM, 2010, 1 CD-ROM.
- RAMOS, C. R.; FERREIRA, J. M.; GIMENEZ, F. A. P. O Estudo de Caso como ferramenta para o ensino de empreendedorismo. In: IV Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 4, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2005.
- REZENDE, A. V.; SALES, R. L. Empreendedorismo na Escola: As Práticas Adotadas no Ensino Fundamental do Município de Leopoldina – MG. In: VI Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 6, 2010, Recife/PE. **Anais...** Recife/PE, 2010.
- SANTOS, J. D.; FREITAS, R. C. **O microempreendedor individual: um passo positivo para a economia brasileira.** Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/17B19CB657E41C018325756D0082A5B2/\\$File/NT0003DE42.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/17B19CB657E41C018325756D0082A5B2/$File/NT0003DE42.pdf)> Acesso em: 17 dez. 2010.
- SANTOS, P. da C. F. dos; MINUZZI, J.; GARCIA, J. R.; LEZANA, A. G. R. Empreender por oportunidade versus necessidade: um estudo com empreendedores catarinenses. In: XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. 27, 2007, Foz do Iguaçu/PR. **Anais...** Foz do Iguaçu/PR, 2007.
- SCHRÖEDER, C. da S.; KLERING, L. R. Ensino a Distância como Estratégia Educacional e Organizacional: o Caso de uma Escola de Administração de uma Universidade Pública Brasileira. In: I Encontro de Administração da Informação. 1, 2007, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC, 2007.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SILVA, J. M. da; VIEIRA, M. C.; MISUNAGA, H. Y. Governança eletrônica com foco no empreendedorismo: um estudo comparativo entre os sites de municípios do Paraná, Argentina e Chile. In: VI Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 6, 2010, Recife/PE. **Anais...** Recife/PE, 2010.
- SIQUEIRA, M. M. de S.; GUIMARÃES, L. de O. Novos desafios do empreendedorismo. **Revista Administração e Diálogo**, v. 9, n. 1, 2007, p. 144-156.
- WERNER, A.; SCHLEMM, M. M. A televisão como instrumento de informação e educação do empreendedor – Estudo de Caso do Programa Paraná Mais Negócios. In: IV Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 4, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2005, p. 256-266.